

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

A CATEGORIA PERIFÉRICA: REPRESENTAÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS URBANAS DE MULHERES NEGRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

SANTOS, KARINA MALACHIAS DOMINGOS DOS¹

¹ Doutoranda em Geografia, Bolsista CAPES, UNESP, Campus Presidente Prudente, karina.malachias@unesp.br.

RESUMO: O texto discute a periferia como categoria conceitual e analítica, compreendida a partir das representações socioespaciais e das experiências urbanas de mulheres periféricas, considerando as intersecções entre gênero, raça e espaço. A investigação toma como base as narrativas de quatro colaboradoras — Marta, Joana, Hortência e Guta — moradoras de São Mateus e Cidade Tiradentes, em São Paulo, cujas trajetórias permitem desvelar dimensões do cotidiano periférico. A metodologia utilizada articula percursos urbanos acompanhados e técnicas etnográficas, de modo a apreender práticas espaciais e representações construídas no cotidiano. Os resultados reafirmam a hipótese de que a periferia não é homogênea, mas composta por vivências plurais. O texto, enquanto ensaio derivado de pesquisa mais ampla, aponta a importância de leituras interseccionais para compreender as formas diversas de experimentar, narrar e representar a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Produção do Espaço Urbano; Percursos Urbanos Acompanhado; Periferias Urbanas; Mobilidade Urbana; Interseccionalidade.

THE PERIPHERAL CATEGORY: REPRESENTATIONS OF BLACK WOMEN'S URBAN EXPERIENCES IN THE CITY OF SÃO PAULO

ABSTRACT: *The text discusses the periphery as a conceptual and analytical category, understood through the socio-spatial representations and urban experiences of peripheral women, considering the intersections of gender, race, and space. The investigation is based on the narratives of four collaborators — Marta, Joana, Hortência, and Guta — residents of São Mateus and Cidade Tiradentes, in São Paulo, whose trajectories reveal dimensions of peripheral daily life. The methodology combines accompanied urban routes and ethnographic techniques in order to capture spatial practices and representations constructed in everyday life. The results reaffirm the hypothesis that the periphery is not homogeneous but rather composed of plural experiences. As an essay derived from a broader research project, the text highlights the importance of intersectional perspectives to understand the diverse ways of experiencing, narrating, and representing the city.*

KEYWORDS: *Production of Urban Space; Accompanied Urban Routes; Urban Peripheries; Urban Mobility; Intersectionality.*

INTRODUÇÃO

Apresentação breve do tema, evitar divagações, utilizando bibliografia apropriada para formular os problemas abordados e a justificativa da importância do assunto, deixando claro a(s) hipótese(s) e o(s) objetivo(s) do trabalho.

Este artigo propõe estabelecer uma discussão sobre a periferia como categoria conceitual e analítica – socialmente construída, “pensar efetivamente as periferias a partir de uma delimitação simbólica, e não somente geográfica, retomaremos, ainda que brevemente, estudos de algumas obras e autores importantes nesse debate e que marcam a literatura” (Ramos, Santos, Braga e Habermann, p.14, 2023) que discute as periferias. A partir da leitura das representações socioespaciais e experiências urbanas de mulheres periféricas, considerando as interseções entre gênero, raça e espaço. A investigação deriva dos resultados empíricos obtidos em pesquisa anteriores, objetificando reflexões sob espaços periféricos. Para tanto, tomamos como base as narrativas de quatro colaboradoras — Marta, Joana, Guta e Hortência — moradoras das periferias de São Mateus e Cidade Tiradentes, São Paulo cujas experiências permitem desvelar parte de suas dimensões cotidianas periféricas na cidade. Ao centrar a análise em suas narrativas, buscamos evidenciar como o espaço urbano é vivenciado e representado por mulheres que ocupam uma posição subalterna no tecido social, revelando disputas simbólicas e materiais que conformam a vida nas periferias.

Ademais, esse recorte está subscrito em uma pesquisa maior ao qual refletimos sobre o próprio lugar da pesquisadora como mulher periférica, cuja vivência e inserção no espaço investigado ampliaram a escuta e a compreensão das práticas espaciais analisadas. Neste caso, visamos esse texto como um ensaio para aplicarmos um recorte essencial ao olhar para a periferia, a partir das experiências de mulheres negras.

A mobilidade emergiu, nesse processo, como dimensão fundamental para interpretar o espaço vivido, não apenas como deslocamento físico, mas como expressão do cotidiano das mulheres entrevistadas, mas no caso a mobilidade neste texto está para apoiar os discursos, não propriamente como categoria de análise. Visto que o percurso metodológico adotado permitiu apreender e representar as múltiplas camadas da experiência urbana periférica — em suas dimensões gerais, particulares e singulares —, sendo um dos recortes para a contribuição de uma leitura mais situada e crítica das relações entre espaço, representações e experiências urbanas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi prevista e adequada a partir de percursos urbanos acompanhados e técnicas etnográficas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, analisamos as representações construídas pelas mulheres colaboradoras a partir de uma abordagem etnográfica centrada em suas experiências urbanas. A pesquisa baseou-se em entrevistas e percursos acompanhados, possibilitando uma imersão na dimensão cotidiana dessas sujeitas. A etnografia, nesse contexto, não visa apenas descrever vivências, mas tensionar categorias como “periférico”. As representações podem ser compreendidas como construções simbólicas que articulam signos, significantes e significados em uma teia de inter-relações sociais. A partir dessa perspectiva, buscamos revelar como o cotidiano se configura por meio do que é visto, relatado e percebido no espaço, expressando modos de habitar, sentir e significar a cidade.

Nesse sentido, as representações não são neutras ou meramente descritivas — elas expressam disposições incorporadas (Bourdieu, 1980) e revelam estruturas simbólicas que orientam a forma como os sujeitos percebem, experienciam e agem no espaço.

Como propõe Lefebvre (1991), o espaço é simultaneamente percebido, concebido e vivido, o que nos permite compreender a vida cotidiana. E essas representações perpassam pelos marcadores de raça e gênero, desta forma apresentaremos uma síntese mediante aos perfis das colaboradoras da pesquisa.

Quadro 1. Perfil das sujeitas periféricas colaboradoras que compõem a pesquisa **Perfil**

Sujeitas

Marta - Mulher parda, adulta, de 42

Assistente de vendas na zona cerealista

anos, moradora do

Jardim Colonial, São Mateus.

Joana - Mulher negra, jovem, de 24 anos, nascida em Cidade Tiradentes e moradora de São Mateus.

Hortência - Mulher negra, adulta, de 41 anos, moradora de Cidade Tiradentes.

Guta (Augusta) - Mulher parda, jovem, de 24 anos, moradora do

Barro Branco, em Cidade Tiradentes.

Iniciamos com Marta, mulher parda de 42 anos e moradora do Jardim Colonial, em São Mateus (zona leste de São Paulo), cuja rotina começa às 5h30 com os cuidados do filho antes do trabalho. Seu deslocamento até a zona cerealista, no Brás, combina carro e ônibus como estratégia para evitar a superlotação do transporte público. Ainda assim, enfrenta longas jornadas, atrasos e cansaço, evidenciando como a mobilidade cotidiana impacta diretamente sua qualidade de vida.

Esse deslocamento híbrido, ainda que parcialmente motorizado, está longe de configurar uma mobilidade confortável ou desejada. Ele revela, como destacam Fioravanti, Martins e Rizek (2024), a precariedade dos fluxos urbanos vividos por sujeitos periféricos, em especial as mulheres, que operam cotidianamente em condições de tempo-espaço extenuantes.

A fala de Marta ao relatar a volta para casa — “a vontade é tão grande de chegar em casa [...], mas com a língua pra fora” — condensa a sobrecarga física e emocional que estrutura sua vida. Esse sentimento de exaustão, reiterado pela sobreposição entre trabalho remunerado, cuidado familiar e deslocamento, remete ao que Raquel Rolnik (2015) a urbanização, marcada por uma segregação socioespacial que obriga os mais pobres a percorrerem grandes distâncias diariamente, que em nossa leitura penaliza especialmente as mulheres. O tempo gasto no trajeto entre casa e trabalho é também tempo subtraído da convivência familiar e dos autocuidados, que no caso de Marta é considerado importante por ela.

A experiência cotidiana de Joana, mulher negra e jovem moradora do Jardim Colonial, expressa de forma densa como as desigualdades urbanas são vividas corporal e emocionalmente por sujeitos periféricos. Ao articular trabalho, estudo, mobilidade e práticas culturais, sua trajetória revela o entrelaçamento entre raça, gênero, classe e território que ela circula.

O deslocamento entre a zona leste e a zona norte de São Paulo, de uma periferia para outra é marcado por modais como o monotrilho, metrô e o ônibus, evidencia os limites da integração e da promessa de modernização da mobilidade nas periferias urbanas. Sua crítica à superlotação e à ausência de informações — “deveriam avisar nas estações” — traduz o que Rolnik (2015) denomina como “urbanismo da ausência”, onde a precariedade é sistematicamente distribuída e naturalizada nas periferias.

A presença de Joana como educadora de artes e grafite nas periferias que habita e atravessa insere uma dimensão afetiva e política em seu cotidiano. Sua atuação junto a crianças em situação de vulnerabilidade expressa um tipo de cuidado que vai além da função pedagógica: envolve a escuta, a sensibilidade de também ser uma pessoa periférica.

Guta, mulher parda e jovem da Cidade Tiradentes, seu cotidiano se divide entre extremo leste e a zona noroeste de São Paulo materializado em deslocamento, não pertencimento. A narrativa de Guta se alinha à análise de Valladares (2008) sobre a construção social da favela e da periferia como “problema urbano”. A autora aponta que esses territórios foram historicamente definidos pela ausência — de infraestrutura, de cidadania plena, de valor simbólico — e são objeto constante de controle e regulação. Esse processo é visível na forma como Guta internaliza a ideia de que a periferia representa risco e bloqueio, enquanto o centro é espaço de possibilidade e pertencimento.

do Brás e do Parque Dom Pedro.

Cidade Tiradentes e moradora de São Mateus. Estudante de Artes Visuais na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e educadora na Fábrica de Cultura Jaçanã.

Acompanhante de idosos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na Unidade Básica de Saúde (UBS) Guaianases 1. Coordena-dora de trabalhos voluntários em Cidade Tiradentes.

Secretária em faculdade particular na Lapa de Baixo, zona noroeste de São Paulo.

Estudante de Marketing Digital.

A dimensão da violência é central na vida de Guta, condicionando sua mobilidade e suas escolhas de rota. A experiência do assalto vivido com sua mãe molda sua percepção dos espaços e reforça o medo que, como mostram Amorim e Feltran (2023), se inscreve nos corpos periféricos. A violência não é apenas um dado objetivo, mas se apresenta como cerco simbólico e material para ela.

Essa insegurança cotidiana também é atravessada pela lógica de gênero. Como discutido por Machado (2020), as mulheres periféricas vivem uma constante negociação entre proteção e exposição nos espaços urbanos, e constroem suas rotinas em diálogo com sistemas de crença, mediações e redes de cuidado — ainda que essas não apareçam diretamente na fala de Guta, sua opção por ruas movimentadas é uma estratégia de autoproteção coletiva, baseada em sociabilidades indiretas.

Moradora da Cidade Tiradentes há 38 anos, Hortência inicia sua jornada diária às 6h da manhã, sempre que possível acompanhada do esposo, com quem caminha pelas ruas ainda escuras até o ponto de ônibus mais próximo. A escolha por sair em dupla revela a importância das estratégias cotidianas de autoproteção, especialmente frente à sensação generalizada de insegurança nas periferias urbanas. Sua rotina como Acompanhante de Idosos vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS) demanda múltiplos deslocamentos diários por bairros como Guaianases, e a própria Cidade Tiradentes, em jornadas que entrelaçam cuidado, mobilidade e sobrecarga.

O transporte público, embora limitado, é percebido por Hortência como a única alternativa viável diante dos altos custos do transporte individual: “O ônibus é a melhor opção... a gasolina no valor de R\$ 7 reais o litro nem precisamos pensar muito no cálculo”. para acessar direitos básicos.

O trabalho de cuidado, exercido por ela em diferentes territórios da Zona Leste, revela a sobreposição de jornadas que recaem sobre mulheres negras e periféricas. Além do cuidado profissional, Hortência ainda articula o cuidado familiar, a rotina da filha e a proteção frente às violências urbanas. Um episódio de assédio sofrido pela filha escancara a presença da violência de gênero como um fator limitante da mobilidade das mulheres, como o medo molda o acesso das mulheres à cidade.

Hortência expressa um sentimento de pertencimento e valorização do território onde vive. Para ela, viver na Cidade Tiradentes também é possibilidade de construir redes, trocar ideias e encontrar momentos de alegria junto a vizinhos e conhecidos. Participa de grupos de debate com outras mulheres da comunidade e busca aproveitar os espaços de lazer e cultura que o bairro oferece. “Tem que aproveitar o que tem no bairro, né? Hoje eu vejo isso como valorização mesmo da nossa periferia”, afirma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da premissa de que a periferia não é uma realidade homogênea. Ao longo do trabalho, essa hipótese foi reafirmada a partir da análise de distintas formas de vivenciar e representar as experiências urbanas pelas mulheres periféricas. Este texto se configura como um ensaio derivado de uma pesquisa mais ampla, motivado pela necessidade de explorar novas abordagens temáticas. Não se trata, portanto, de um percurso teórico-metodológico consolidado, mas de uma proposta investigativa que se abre como possibilidade de leitura e aprofundamento.

A proposta emergiu da vontade de explorar narrativas já presentes em outras produções, mas que, em muitos casos, não traziam com clareza os marcadores de gênero e raça. Ao realizar essa leitura interseccional, buscamos compreender essas experiências a partir de uma perspectiva que considera a centralidade desses marcadores.

Assim, a periferia é tomada como categoria analítica que contribui para a compreensão da dimensão cotidiana e das tessituras que conformam a produção do espaço — seja ele periférico ou não. Os relatos aqui apresentados são fragmentos de uma análise maior, reafirmando que a periferia não apenas se consolida enquanto espaço, mas também se expressa de maneira heterogênea, atravessada por diferentes sentidos e vivências.

No caso das mulheres entrevistadas, suas identificações, deslocamentos e distanciamentos em relação à ideia de periferia são também formas simbólicas de construção e leitura do espaço vivido. Ainda que gênero e raça sejam marcadores estruturantes de suas trajetórias, suas experiências não

podem ser captadas por uma leitura homogênea ou unívoca da periferia. Pelo contrário, evidenciam a complexidade e pluralidade que marcam o cotidiano urbano e suas relações socioespaciais.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Adson Ney; FELTRAN, Gabriel. Ordem e Progresso: Expansão do mundo do crime e projetos de mobilidade. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 42, n. 1, jan.-abr. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Jx4G73fqQRFckvSMNNTNJKJ/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2025.

AMOROSO, Mauro; PERALTA, Diego Edmilson. Sobre ‘periferias urbanas’ e ‘favelas’: análise da produção acadêmica sobre os espaços urbanos de moradia popular no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 1–30, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1889>. Acesso em: 13 maio 2025.

BABY-COLLIN, B. *A cidade e seus moradores periféricos: uma análise das experiências urbanas*. São Paulo: Editora XYZ, 2002.

BERTH, E. *Cidadania e espaço urbano: perspectivas de gênero e raça*. Porto Alegre: Editora ABC, 2023.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 1989. [Tradução de *Le sens pratique*, 1980].

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. [Original: *La production de l’espace*, 1974].

FIORAVANTI, Livia Maschio; MARTINS, Felipe Rangel; RIZEK, Cibele Saliba. Plataformas digitais e fluxos urbanos: dispersão e controle do trabalho precário. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 69–96, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/TSqKFZwBjttDZ3gVfnydgGL/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2025.

MACHADO, Carly. Samba Gospel: sobre pentecostalismo, cultura, política e práticas de mediação nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 81–101, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/B5HNzhx3h8HzBZ4cjMQgQfd/>. Acesso em: 13 maio 2025.

RAMOS, Paulo César; SANTOS, Jaqueline Lima; BRAGA, Victoria Lustosa; HABERMANN, Willian. Introdução: Por que falar em periferias no plural? In: RAMOS, Paulo César; SANTOS, Jaqueline Lima; BRAGA, Victoria Lustosa; HABERMANN, Willian (orgs.). *Periferias plurais*. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2022. p. 10–19.

ROLNIK, Raquel. O programa Minha Casa Minha Vida nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas: aspectos socioespaciais e segregação. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 127–154, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/q47HCnW58YPJHzyvhZSWPwB/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2025.

SANTOS, K. M. D. dos; WHITACKER, A. M. Narrativas periféricas e etnografias urbanas: a ótica cotidiana dos sujeitos sobre as experiências urbanas. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.]*, v. 27, n. 1, 2025. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202520pt. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/7684>. Acesso em: 15 maio. 2025.

SANTOS, Karina Malachias Domingos dos. *A fragmentação socioespacial nas periferias da metrópole de São Paulo: um estudo sobre o cotidiano nas experiências urbanas e mobilidade urbana em São Mateus e Cidade Tiradentes*. Orientador: Arthur Magon Whitacker. 2024. 335 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2024.

VALLADARES, Licia do Prado. A gênese da favela carioca: do campo à cidade, da rejeição ao controle. In: VALLADARES, L. P. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5730291/mod_resource/content/1/A%20inven%C3%A7%C3%A3o%20da%20favela.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.